

EDITORIAL

ISSN eletrônico 2526-1487

DOI: 10.20873/2526-1487V2N2P01

Trabalho (En) Cena, 2017, 2(2) pp. 01-02



TRABALHO COMO ESTRUTURANTE PSÍQUICO E SOCIOPOLÍTICO EM TEMPOS DE HIPERMODERNIDADE

Emílio Peres Facas¹**Lilium Deisy Ghizoni²**

Editores Gerais da revista Trabalho (En)Cena

O atual contexto da sociedade contemporânea notabiliza-se pelas constantes mudanças econômicas, sociais e culturais. Segundo Lipovetsky (2004, 2007), os “tempos hipermodernos” caracterizam-se pela primazia do aqui - agora, a rápida expansão do consumo e da comunicação, enfraquecimento das normas e, principalmente, pela individualização. Nessa sociedade, tudo precisa evoluir, acelerar para não ficar para trás – privilegiando a cultura do “mais rápido” e “sempre mais”. A obsolescência potencializa-se e, em todas as esferas da vida, o tempo torna-se objeto de obsessão. Priorizam-se os resultados em curto prazo, o fazer mais em menos tempo, o urgente e a ação imediata. A popularização da Internet trouxe a facilidade de acesso às informações em tempo real, reforçando a lógica da rapidez e aceleração por meio da sensação sempre presente de imediatismo e simultaneidade.

Tais avanços tecnológicos acelerados a partir das últimas três décadas, em especial os da informática e das comunicações, bem como as mudanças econômicas e culturais, transformaram de forma profunda o modo como o trabalho é organizado e pensado. Reforça-se a mentalidade do curto prazo. A lógica exposta por Lipovetsky (2004) do “sempre mais” e “mais rápido” é central nas novas formas de gestão do trabalho. Para girar a grande roda do consumo e acelerar a obsolescência, é preciso maximizar a produção, minimizar os custos e ter sempre clareza de quais são os desejos e anseios de quem vai alimentar essa lógica, isto é, o consumidor.

Frente a isso, espera-se dos trabalhadores características que poderiam muito bem descrever uma espécie de superprofissional. Muitas vezes de forma vaga e contraditória, exige-se agilidade, abertura a mudanças em curto prazo, capacidade de assumir riscos

¹ Professor Adjunto da Universidade de Brasília. Colaborador dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações (UnB) e em Psicologia da Faculdade de Educação (UFG). Psicólogo, Doutor em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília com período sanduiche na Université Catholique de Louvain. Coordenador do Laboratório de Psicodinâmica e Clínica do Trabalho - LPCT/UnB.

² Professora Adjunta da Universidade Federal do Tocantins, atua na Graduação em Administração e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade. Psicóloga, Doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília com período sanduiche na Université Catholique de Louvain La Neuve. Líder do Grupo Trabalho e Emancipação: Coletivo de pesquisa e extensão (CNPQ/UFT).

continuamente, menor dependência de procedimentos e leis formais, ser dinâmico, proativo, talentoso, flexível, estratégico, saber trabalhar em equipe, domínio da língua portuguesa e de línguas estrangeiras, dentre outras capacidades. O sujeito deve assumir esse ideal de comprometimento e competitividade, tomando para si o papel esperado e submetendo-se aos desejos das organizações.

Todo esse processo de transformação e mudança impacta diretamente a vida do trabalhador. Nesse contexto, as incertezas e a falta de perspectivas estão presentes em todos os aspectos da vida. Para Sennett (1999), a flexibilidade causa ansiedade, pois não há garantia de compensação para os riscos. O autor mostra que, apesar do discurso fazer referência a uma suposta liberdade para moldar suas vidas, a flexibilidade impõe novos controles, muitas vezes difíceis de serem compreendidos. Bauman (2001) pontua que as incertezas que vieram com essas transformações têm como principal característica sua força *individualizadora* – a ansiedade e o medo são vivenciados em solidão uma vez que, com as constantes mudanças da situação dos trabalhadores dentro da empresa, a ideia de “interesse comum” fica para trás.

Depara-se, então, com uma constatação desanimadora: por um lado, reconhece-se a importância e a centralidade do trabalho para o sujeito. Por outro, deve-se admitir que o cenário do mundo do trabalho é precário e desfavorável aos trabalhadores. As características apresentadas da pós-modernidade e da acumulação flexível do capital, bem como suas consequências, trazem uma nova leitura sobre qual o papel do trabalho na sociedade. A lógica do capital vincula o trabalho à inserção do sujeito na sociedade de consumo – *you work, you win, you buy*. Se o sujeito não ganha para consumir, é excluído. Essa lógica perversa da acumulação exagerada, do produtivismo, distorce o sentido do trabalho, tornando-o

algo instrumental, que dá *status* e se expressa pelo poder de consumo.

Deste modo, estudos sobre a categoria “trabalho” guardam uma responsabilidade: romper com essa distorção do sentido do trabalho e entendê-lo para além de uma mera ação de produção objetiva. Assumir esta responsabilidade faz-se ação política e de resistência aos modos perversos de estruturação das organizações do trabalho. Tal posicionamento, ao considerar as dimensões psíquica e sociopolítica do trabalho e entender o *trabalho vivo* dos trabalhadores, permite que o pesquisador/estudioso desta categoria torne *vivo* seu próprio trabalho e rompa com o sentido *instrumental* do trabalho.

Esse caráter transgressor das pesquisas sobre o trabalho é caro à Revista Trabalho (En)Cena, como bem pode ser percebido nos artigos desta edição. Sob diferentes perspectivas teóricas, críticas e clínicas, os textos refletem sobre esse *novovelho* mundo do trabalho, consideram suas metamorfoses e implicações, e possibilitam avanços na discussão do trabalhar enquanto estruturante psíquico e sociopolítico. Que as leituras possibilitem novos encontros e ações de resistência.

Referências

- Lipovetsky, G. (2004). *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.
- Lipovetsky, G. (2007). *A Felicidade Paradoxal – Ensaio sobre a Sociedade de Hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Sennet, R. (1999). *Corrosão do caráter: Consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo(a)*. Rio de Janeiro: Record.